

MARIAN

Ouvindo falar Marian Anderson, no bar do Glória, eu pensava comigo mesmo que aquela negra alta de grande cara simpática é o que se pode chamar uma pessoa feliz. Uma pessoa em quem o trabalho, a arte, a vida, a alegria e o consólo da vida, isso tudo é unido, ligado, natural. Quando ela diz que Helen Traubel, a grande cantora branca, incluiu um "spiritual" em seu concerto no Metropolitan, ela está contando uma vitória dessas canções dos pobres negros que é uma vitória dela mesma, da pretinha daquela escola paroquial de Filadélfia, filha de trabalhador de estrada e de uma professora primária. Essa elevação cultural tem de grande a permanência do sentimento: um "spiritual" para Marian não é apenas arte, é o jeito de rezar, dessa mulher profundamente religiosa. Alguém pergunta se Paul Robeson é religioso, ela diz que sim, deixa de lado as convicções políticas do grande cantor para responder com ingenuidade e veemência: "como éle poderia cantar tão bem se não fôsse religioso?"

Depois que a conversa perde o jeito de entrevista e vai ficando mais solta e natural ela fala do Céu, e cantarola um trecho do famoso "Tramping": "nunca fui lá, mas me disseram que as ruas lá em cima são calçadas de ouro..."

E' claro que Marian Anderson está mentindo: ela já estêve, com toda certeza, no Céu — e foi de lá que trouxe essa voz e a luz de bondade desses olhos, para nos ajudar a viver neste torpe mundo.

6/15/54

R. B.